

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Madalena Mendes de Souza

"Estágio obrigatório: percepções sobre essa etapa da formação profissional"

Campinas

2014

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Madalena Mendes de Souza

"Estágio obrigatório: percepções sobre essa etapa da formação profissional"

Trabalho apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, para conclusão do curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Guedes Pinto.

Campinas

2014

So89e

Madalena Mendes de Souza, 1980-

Estágio obrigatório: percepções sobre essa etapa da formação profissional. – Campinas, SP: [s.n.], 2014.

Orientador: Ana Lúcia Guedes-Pinto..

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Estágios supervisionados. 2. Formação profissional.
I. Guedes-Pinto, Ana Lúcia, 1969- .II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

14-031-B

DICATÓRIA

Dedico esse trabalho, ao meu amado esposo, por sua grande participação, direta ou indiretamente na realização deste sonho.

Algumas decisões que você tomou foram cruciais para que essa conquista fosse possível. Obrigada por tudo!

Agradecimentos:

Agradeço a Deus primeiramente por ter me dado esse presente tão maravilhoso, pois sei que por mim nunca alcançaria tamanha graça.

Obrigada Senhor por me dar o privilégio de ver a sua promessa se cumprir em minha vida. “A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos; e neste lugar darei paz, diz o Senhor dos Exércitos”. (Ageu 2:9)

Agradeço ao meu esposo, por esses sete anos de paciência e impaciência, carinho, compreensão e colaboração nos momentos em que o desespero tomava conta do meu ser e pensava que não iria conseguir; você estava sempre ali pra me ajudar.

Lembro-me daquela manhã em que você levantou às 04:00 horas da madrugada para me ajudar a filmar o documentário com os funcionários terceirizados da Unicamp. Obrigada por sua grande contribuição para que o meu sonho se tornasse real.

Agradeço a minha família, o meu porto seguro, minha base, meu tudo. Obrigada querida Mãezinha por tudo que me ensinou, agradeço a Deus por ter me dado alguém tão especial, seu exemplo como pessoa me ensinou mais que mil conselhos. Obrigado por suas orações.

Agradeço a Deus por fazer parte desta família tão abençoada. Aos meus lindos sobrinhos que por serem tantos não citarei nomes, mas gostaria de agradecer a todos pelo carinho e por torcerem sempre por mim, amo muito todos vocês. Mas em especial quero agradecer a você Monique por me socorrer nos momentos de grande desespero, saiba que sinto muito orgulho de você minha futura Pedagoga.

Mas em especial gostaria agradecer ao meu Paizinho que já não está entre nós e já foi morar com Senhor (em memória) Miguel Gonçalves Mendes. Obrigada meu inesquecível e sempre querido Pai.

Jaqueline minha amiga e irmã, obrigada por cada sacrifício que fez para me ajudar, como por exemplo, estudar de manhã só para me dar um apoio moral, eu sei o quanto era difícil essa tarefa para você.

Agradeço a Deus por ter colocado pessoas como você e o Bruno, tão especiais em meu caminho. Obrigada por tudo!

Agradeço a Deus por ter me dado de presente à família Fernandes, Neide, Sr. Antônio, Anderson, Gerson, Emerson, Luciene, obrigada por tudo.

Agradeço a minha vizinha por ter me ajudado e compartilhado as minhas angustias e ansiedade em cada etapa do TCC, obrigada Lu.

Agradeço a minha psicóloga e amiga Martha Bertoldo pelo apoio em cada sessão de terapia, pelos conselhos nos momentos em que o desespero tomava conta e vontade de desistir, obrigada por abrir aquelas exceções nos horários de terapia, por conseguir uma vaga naqueles momentos mais difíceis, minha querida obrigada por tudo!

Agradeço a minha Orientadora por tudo.

“Por que Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3:16)”.

Resumo:

Este TCC toma para discussão os estágios obrigatórios das disciplinas do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp. Recuperando, inicialmente, minha experiência nos estágios obrigatórios que realizei, procurei reunir, através de um roteiro de perguntas, as percepções de meus colegas sobre essa fase da formação profissional.

Palavra-chave: estágio obrigatório; formação profissional; experiência e formação.

SUMÁRIO

1. A busca por uma escola para realização do estágio obrigatório.....	10
1.1 Como foi a chegada à escola.....	10
1.1.1 Sentindo-se parte da escola.....	11
2. A relação do estagiário com os alunos nas atividades práticas do cotidiano escolar	19
2.1 A importância da prática como estagiária.....	19
2.1.1 A importância do estágio na formação do pedagogo.....	26
3. Caminho da pesquisa para o TCC.....	29
4. Percepções sobre o estágio.....	35
5. Retomando o uso do “Diário de Campo” na construção do estágio.....	42
6. Considerações Finais.....	46
7. Referências Bibliográficas.....	47
8. Anexos I.....	49

1. A busca por uma escola para realização do estágio obrigatório

1.1 Como foi a chegada à escola

Minha chegada às escolas para as realizações das várias etapas dos estágios obrigatórios me trouxeram um grande desafio, pois todas as escolas que procurei recusaram minha entrada como estudante aprendiz. Talvez o mais frustrante, fosse para mim, ter que conseguir fazer os estágios em escolas nas quais conhecia um professor, ou que uma professora da faculdade indicasse (a seguir explicarei melhor esse ponto) ou porque conhecia o diretor.

Conforme a ementa do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp, os estágios obrigatórios são oferecidos pelas seguintes disciplinas: EP376; Prática de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; EP377 Planejamento Educacional e Estágio Supervisionado em Gestão Escolar; EP910 Estágio Supervisionado I - Gestão Escolar; EP911 Estágio Supervisionado II – Anos iniciais do Ensino Fundamental; EP912 Estágio Supervisionado III – Educação Infantil; EP913 Estágio Supervisionado IV – Educação Infantil; EP914 Estágio Supervisionado V – Educação Não-Formal.

Quando realizei a matrícula na primeira disciplina de estágio obrigatório, já estava ciente de que a parte teórica do curso aconteceria antes da prática. Por isso, imaginava que, quando fosse começar as aulas do semestre corrente, já deveria estar engajada com a escola onde iria fazer o estágio, mas isso não aconteceu.

Ainda em período de férias da faculdade, comecei as idas às escolas mais próximas ao meu trabalho, porém as expectativas se transformaram em uma mistura de surpresa e decepção, pois nenhuma quis me aceitar como estagiária. As respostas, em grande parte, se resumiam em um não e explicavam a recusa da seguinte maneira: -

“Não aceitamos estagiários nessa escola”! Ou então diziam: - “Os professores não gostam de trabalhar com estagiários”! Fiquei perplexa e preocupada ao ouvir de um dos diretores que conversei juntamente com uma amiga, que também estava em busca de uma escola, a seguinte justificativa: “Já recebemos muitos estagiários aqui, mas tivemos vários problemas, principalmente com os alunos da Unicamp, por isso não aceitamos mais”.

A fala desse diretor me instigou a refletir sobre como deve ser a postura do estagiário na instituição que o acolhe. Essa fase da transição entre os estudos de fundamentação teórica e a inserção na sala de aula do estágio. É a etapa da trajetória da nossa formação que nos possibilita e dá oportunidade de avaliarmos o nosso conhecimento e de analisarmos a importância do espaço. Dessa maneira, nele devemos nos empenharmos nas chances de avaliarmos o nosso aprendizado e não apontar ou qualificar a prática do trabalho da escola ou do professor.

Então, quando começaram as aulas e eu ainda não havia conseguido encontrar uma escola para fazer o estágio, estava muito angustiada, pois imaginava que deveria retornar às aulas com uma proposta para apresentar à professora. No entanto, para o meu alívio, a professora e orientadora da disciplina tinha uma alternativa para a turma, pois ela conhecia o diretor de uma Escola Municipal, localizada na periferia de Valinhos que estava disposto a receber estagiários em sua escola. Assim consegui realizar as quatro primeiras etapas do estágio na mesma escola, sendo os seguintes estágios: Ensino Fundamental I e II e Gestão Escolar I e II.

1.1.1 Sentindo-se parte da Escola

A relação da professora orientadora com a escola de Valinhos possibilitou, a mim e a uma parte dos estudantes que também optaram por fazer o estágio na mesma

escola, uma maior interação, tanto com a instituição escolar como entre nós como colegas de formação. Devido à distância da escola, combinamos de fazer a divisão do combustível e íamos às cinco estagiárias no mesmo carro. Dessa maneira, quando saíamos da escola para retornamos a Campinas sempre comentávamos sobre as vivências que os estágios nos possibilitavam, em outros compartilhávamos o que havíamos feito naquele dia. Em alguns momentos quando alguma professora faltava, chegamos até a assumir uma sala de aula em duas estagiárias.

Esses momentos como estagiária me proporcionaram grande aprendizado, pois tive a possibilidade de trabalhar na mesma escola e com a mesma turma durante todo um ano letivo. Pude participar de reuniões, preparações para datas comemorativas como a Páscoa, Festa Junina, entre outras tantas atividades que fazem parte do cronograma da escola. Também tive o privilégio de conhecer a organização da escola e os problemas de ordem política enfrentados pelo diretor, por ter realizado o estágio de gestão na mesma escola.

Reconheço, portanto, a importância do estágio para nossa formação, pois é nesse momento que temos a chance de aprendizado com as várias problemáticas que envolvem esse espaço. Para isso, devemos aguçar nossos sentidos como futuros educadores e nos atentarmos para as práticas escolares, respeitando as diferentes trocas de saberes e de como “ensinar”. Pesquisadoras do cotidiano escolar afirmam que:

Os espaços, os usos, as práticas e os saberes que chegam a dar forma à vida escolar são aqueles dos quais determinados sujeitos se apropriam e que se põem diariamente em jogo na escola. (EZPELETA & ROCKWELL, 1989, p. 60).

O estágio nos proporciona um mergulho neste espaço, por ser um momento em que nos permite atuarmos e fazer parte do cotidiano da escola. Apresenta-se como um campo extremamente rico para se pensar as ações, seja em um momento de contar uma

história, ou nas brincadeiras de roda e até mesmo quando a professora nos permite fazer as correções das atividades do dia, ou seja, quem irá dizer se o que os alunos fizeram está “certo” ou “errado”.

Desse modo, vejo que o nosso papel como estagiário é refletir sobre as ações, os pressupostos pedagógicos as estratégias de ensino e o aprendizado presentes no espaço escolar. E nele, buscar construir uma relação de respeito com a instituição que nos acolhe. Esse é um momento em que nos possibilita aprender a aprender como ensinar ou até mesmo como “não ensinar”, pois é nesse local que podemos buscar compreender, através das várias impressões e sensações, como se compõe o espaço escolar, quais vivências estão presentes e quais memórias que a trajetória da escola leva no seu papel enquanto instituição social.

Acompanhando uma mesma turma pude ver de perto o processo de “aprendizado” de alguns alunos e compreendi o quanto que ensinar não é uma tarefa fácil. Por isso, é muito importante respeitarmos o papel do professor em sala de aula.

Quando cheguei à escola e fui assistir à primeira aula como estagiária, me questionei, porque questões que estava vivenciando na prática não haviam sido discutidas na Universidade? E, através do questionamento e das observações ao longo do ano letivo, passei a reconhecer o lugar do professor que enfrenta desafios diários na rotina escolar. Percebi assim como é importante ter cuidado para criticar a maneira como ele desempenha o seu papel. Como professor iniciante, é importante e necessário ter como princípio a ética na forma como vamos relatar nossas impressões no “Diário de Campo”.

No livro “Desatando os nós da formação decente” Fontana e Guedes-Pinto, ao refletiram sobre a importância das políticas que envolvem a formação do professor,

problematizam, do ponto de vista de professoras das disciplinas de estágios, o desafio dos alunos em construir compreensões para a escola:

Em meios às sombras, a visibilidade daquilo que, como professores formadores e em formação, vivemos e conhecemos de perto, tem sido pequena. Bem como o conhecimento das relações que se estabelecem, na formação inicial, entre as escolas de ensino fundamental e a universidade, entre os professores em atuação e os jovens estudantes que recebem em suas salas. (FONTANA E GUEDES-PINTO, 2009, p. 5).

As autoras apontam os desafios dos professores em processo de formação em desatar os “nós” dos quais vão iniciar sua trajetória trazendo consigo os fundamentos teóricos e as dificuldades de articularem com as práticas presente no cotidiano escolar.

Silva (2012) destaca em sua pesquisa de doutorado, durante sua atuação como professora e também como orientadora, a importância de proporcionar aos estagiários em sua escola o espaço para se colocar em uso as práticas respeitando “*a convivência com conveniência*”. Para isso, ela elabora um “contrato”, mostrando o quanto é imprescindível assegurar que os acordos entre ambas as partes devem ser cumprido. No item 3 do contrato, ela orienta, por exemplo, entre outras questões.

Identifique, em seus relatórios e pesquisas, a instituição, as crianças e os adultos do Centro Municipal de Educação Infantil, apenas se houver autorização prévia da direção; (SILVA, 2012, p. 105).

O papel do estagiário ultrapassa a tarefa observar o que está a sua volta. E se vê em uma situação em que é levado a buscar possibilidades de fazer parte do espaço escolar. É importante entendermos a organização das crianças em sala de aula, o material trabalhado com os alunos, as atividades desenvolvidas durante a realização do estágio e a estrutura do espaço como um todo. No entanto, em meu processo, só pude me sentir no “lugar” do professor quando tive uma maior abertura para participar das

atividades. Quando saí do papel de expectadora senti diferença até mesmo na maneira como os alunos me tratavam.

O estagiário, segundo o entendimento de Silva (2012) e de Fontana e Guedes-Pinto (2009) tem o papel de auxiliar o professor. Porém, muitas das reclamações que ouvi de alguns professores eram que os estagiários chegavam à escola querendo impor o seu conhecimento para o professor. Tanto é que os diretores me negaram a entrada em suas escolas se justificavam na fala de alguns professores.

Quando cheguei à escola, considerava o meu aprendizado muito raso no sentido de saber como agir em determinadas situações. Tive que passar por um processo de transformação para cogitar com a professora a possibilidade de atuar em sala de aula, pois não me achava capaz de assumir um compromisso de tamanha proporção (isso era como eu enxergava). Desse modo, fazer parte do cotidiano escolar, para mim, como estudante em processo de formação, constitui-se em uma experiência enriquecedora e, embora os medos e temores fossem muito frequentes nas primeiras visitas, aprendi que o sucesso e a qualidade deste momento podem depender (eu diria quase que total) da relação que se irá construir entre o mediador (professor) e o aprendiz (estagiário). Percebi que é muito importante que o estagiário tente sempre participar das propostas da professora junto com os alunos, sempre respeitando o trabalho do professor.

Entre as três escolas que passei e as diferentes etapas do ensino que acompanhei nos estágios obrigatórios do curso de pedagogia, uma das experiências que mais marcou se refere às etapas do Ensino Fundamental I e II. Como já comentei em outro ponto, tive o privilégio de acompanhar a mesma turma do segundo ano do Ensino Fundamental durante todo o ano letivo.

Devido à ponte que a minha professora e orientadora fez com a escola e com o diretor, pude me sentir de certa forma acolhida, até mesmo pelas experiências negativas que havia tido com as tentativas frustrantes de encontrar uma escola. Talvez, por esse

motivo, meus sentimentos com relação à chegada à escola, que eram uma mistura de ansiedade e medo, transformaram-se em confiança, pois devido à circunstância, imaginava ser muito bem recebida pela instituição e não foi diferente disso. O diretor nos recebeu e já no primeiro dia nos orientou sobre a proposta do estágio e do seu trabalho em conjunto com a nossa professora e orientadora do curso, também nos apresentou a escola e todo seu quadro de professores, coordenadores e também os funcionários da cozinha e da limpeza. Dessa forma, pude experimentar já no primeiro dia de estágio uma sensação de “acolhimento” por parte da escola.

Durante a apresentação da escola, ele nos reportou o trabalho que estava desenvolvendo junto às famílias dos alunos e junto à comunidade, nos falou também sobre a importância da família ser inserida nesse processo. As autoras Ezpeleta & Rockwel (1989), fazem uma análise do ambiente escolar sob o olhar da sociologia. Em um dos pontos da pesquisa, as autoras destacam a importância da integração destes elementos que compõem a escola:

Integrados a partir da ação individual ou, mais significativamente, da ação coletiva (reuniões de pais, associações de professores, grupos de crianças), entram na trama diária como elementos que dão conteúdo específico à relação estabelecida na escola. O processo apropriação, enquanto vincula o sujeito com a história, para reproduzi-la ou transformá-la, torna-se central para a compreensão da construção social da escola. (EZPELETA & ROCKWELL, 1989, p. 61).

A escola envolve mais que apenas crianças que estão aprendendo. Nesse espaço existe também a história de vida de cada criança. Os sujeitos estão em constante participação do momento da sua construção social e fazendo parte da história daquela instituição. Por isso, faz-se necessário que como iniciantes neste processo, que possamos acompanhar todas as realidades presente neste espaço.

No momento da chegada à escola muitas são as dúvidas que aparecem e os medos que perpassam nossa mente. Freire (1997) destaca que: “*Falando de seu medo,*

de sua insegurança, o educador vai fazendo, de um lado, uma espécie de catarse indispensável ao controle do medo, de outro, vai ganhando a confiança dos educandos”. Acredito, portanto, para que essa confiança se desenvolva no estagiário é preciso que haja um acolhimento por parte da escola. Digo isso por que me senti acolhida quando o diretor da escola de Valinhos proporcionou ao grupo de estagiários que estavam chegando, conhecer um pouco sobre o cotidiano daquela instituição e a história de vida de alguns daqueles sujeitos que compunham a esfera daquela escola e de alguns personagens que fariam parte da nossa formação.

Para tanto, é importante que o estagiário possa contar também com o professor que ele irá acompanhar durante o estágio, pois a sua experiência se tornara muito mais enriquecedora. Nessa troca de conhecimentos que acaba ocorrendo durante o decorrer do estágio, muitas vezes se constrói uma relação de cumplicidade entre ambas as partes aluno/professor. Assim, a exploração de novos conhecimentos para ambos pode ser mais enriquecedora tanto para a formação do estudante, que busca aprendizado e está em processo da formação intelectual e que no futuro será um professor, como também para o próprio professor atuante que está constantemente buscando seu aprimoramento profissional e intelectual.

À faculdade fica delegada a tarefa de nos proporcionar um aporte teórico, embora grande parte dos estudantes não concorde com a organização das disciplinas e com a elaboração do currículo do curso de Pedagogia. Por exemplo, podemos ver isso com as disciplinas de Psicologia I e II que ocorrem no início do curso, enquanto que os estágios começam apenas do meio do curso para o final.

Devido à falta de experiência e de convivência com o espaço escolar, pude em alguns momentos sentir a dificuldade de associar a teoria com a prática do cotidiano escolar. A respeito desse o distanciamento entre a teoria e a prática. Oliveira (2006) comenta que:

No meu percurso como estagiária pude vivenciar o dilema do grande distância entre a teoria e prática uma vez que, ao chegar à sala de aula, sentia-me perdida e havia uma sensação de que nada do que havia estudado na faculdade me valeria naquele momento. (OLIVEIRA, 2006, p. 7).

Contudo, meu foco de discussão não é o papel do currículo no curso de Pedagogia, mas considero importante retomar algumas dessas impressões sobre o curso e posso dizer como estudante, que senti esse distanciamento entre os fundamentos teóricos e a prática. Nesse sentido, penso que é relevante o estagiário ter o cuidado para não tentar sobrepor o seu conhecimento que em grande parte é considerado um conhecimento “raso” no espaço escolar onde já existe uma linha teórica, por essa razão é importante observar sempre os conhecimentos e as práticas que já fazem parte deste espaço.

Assim, entendo que a escola deveria estar sempre com as portas abertas para receber os profissionais da educação em formação para possibilitar uma vivência e uma troca de conhecimento para o professor atuante e o professor em formação. Criar programas junto as Universidades para buscar a quebra de alguns estigmas e entender o papel do estagiário enquanto coparticipante deste momento tão essencial para o aprendizado e atuação na educação.

2. A relação do estagiário com os alunos nas atividades práticas do cotidiano escolar

2.1 A importância da prática como estagiária

Os entraves para ser aceita por determinadas escolas, em vários momentos me levaram a me perguntar: Como se deu o processo de formação daqueles professores e diretores dos quais alegaram que não aceitariam estagiários na “sua” escola ou em “sua” sala de aula? Será que eles não vivenciaram as práticas do estágio? Ou será que o estágio não fez diferença na sua formação? Esses entre outros eram os questionamentos que passavam em minha mente naquele contexto em que vivenciei essa enorme dificuldade em conseguir um lugar que me aceitasse.

Quando chegamos à escola, na maioria das vezes o sentimento de que não pertencemos àquela esfera é muito forte, principalmente durante as primeiras idas. A respeito disso Oliveira (2006), relata suas angústias. *“Essas duas aulas foram as que causaram mais impacto em mim, mas conforme fui participando de outras aulas pude ter uma outra visão da sala e da própria professora”*. Desse modo, considero importante que haja uma “mudança” na maneira de como as instituições enxergam os estagiários. Mas também é necessário que haja uma mudança por parte do estagiário em como ele enxerga a escola. Tenho ciência que uma das razões dessa dificuldade de as escolas abrirem as portas tem relação com o fato de haver um histórico de acontecimentos em que os estagiários não têm postura na instituição, como por exemplo, querer impor seus conhecimentos na sala de aula ou ainda passar por cima da autoridade do professor, esses foram alguns exemplos que os professores relataram durante a minha ida a escola.

A trajetória do estagiário se compõe de uma construção diária de vários conhecimentos. Eu diria que ela se realiza quase que como uma colcha de retalhos

aonde se vai costurando os pedaços de tecidos até se formar o todo. O que pude constatar através de relatos dos professores com quem convivi e ouvi seus comentários, é que muito dos estagiários chegam à escola achando que mudarão o “mundo”, ou seja, devido aos novos conhecimentos adquirido na Universidade através das teorias, poderão mudar a postura como professores em sala de aula, poderão mudar o posicionamento das carteiras, os meios de alfabetizar e de agir com os alunos, etc.

No entanto, em grande parte os estagiários que não atuam em sala de aula chegam às escolas “apenas” com embasamento teórico que as aulas na faculdade lhes proporcionaram. Assim, a trajetória que se inicia com as práticas escolares são para “completar” o processo de formação. Certeau faz uma descrição sobre a trajetória:

A “trajetória” evoca um movimento, mas resulta ainda de uma projeção sobre um plano, de uma redução. Trata-se de uma transcrição. Um gráfico (que o olho pode dominar) é substituído por uma operação; uma linha reversível (que se pode ler nos dois sentidos) dá lugar a uma série temporalmente irreversível; um traço, a atos. (CERTEAU, 2000, p. 46).

Conforme o autor nos remete, a trajetória gera não apenas movimentos, mas traz mudanças. O estágio nos coloca em movimento, quando saímos das aulas da universidade e passamos a ver as realidades das escolas públicas, e quando me refiro a escola pública a conviver com os dilemas e as angústias dos profissionais da educação, com as precariedades da escola como um todo. Afinal, o estágio obrigatório se caracteriza por ter o papel de inserir o aluno em contato com as práticas pedagógicas que lá se desenvolvem.

Como disse anteriormente, conseguir um espaço para realização do meu estágio em duas das escolas que frequentei só foi possível porque na primeira escola a professora e orientadora do estágio se encarregou de fazer a ponte entre a universidade e a escola. Já na segunda escola que estagiei conhecia a professora e isso significou um divisor de águas, pois quando fui até à escola para falar com a diretora, ela disse que

não trabalhava com estagiários. Então expliquei que já havia conversado com a professora e ela tinha permitido a minha presença em sala de aula para acompanhar o seu trabalho e assim cumprir minha carga horária do estágio. Foi, então, que a diretora disse que, como eu já havia combinado com a professora poderia fazer o estágio ali então.

Como enfrentar esses desafios? O que pode ser feito para mudar a concepção do papel do estagiário? Como pensar a importância da atuação do estagiário em sala de aula durante as idas obrigatórias à escola? Qual a importância de participarmos da realidade da escola? Esse é um dos momentos em que podemos nos apropriar das práticas escolares. Ele se configura como uma oportunidade de ganhar experiência para a formação profissional.

No estágio temos a chance de participar das diferentes relações pedagógicas desenvolvidas pelos professores com os alunos. As práticas trazem possibilidades ao estagiário de ter uma pequena “dimensão” da quantidade de desafios que são enfrentados diariamente nas dinâmicas do cotidiano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No entanto, para muitos estudantes, conseguir uma instituição acolhedora se torna um dos difíceis desafios a superar e enfrentar. A inserção junto à escola pode ser repleta de surpresas, desafios e acontecimentos que fazem parte da relação do estagiário/professor e estagiário/alunos nas práticas do cotidiano. Diante de todos esses desafios se constrói a trajetória do estágio obrigatório.

Ao se reportarem a recortes da fala de estagiários em seus “Relatórios de Campo”, Fontana e Guedes-Pinto chamam atenção para suas angústias e os aprendizados que foram importantes durante sua atuação. As autoras destacam que:

A opção pelo exercício da atuação forjada na dinâmica interativa, instaurada pela presença do aluno-professor em formação na escola, se não nos assegura o caminho de antemão, tem permitido que nele nos experimentemos ao sabor dos encontros e confrontos com as pessoas, com as situações, com as palavras e gestos. (FONTANA E GUEDES-PINTO, 2009, p. 16).

Há “encontros e os confrontos” nesse cotidiano escolar, como as autoras destacam. Gostaria de compartilhar um exemplo que marcou muito a minha atuação em sala durante as idas obrigatórias à escola: Um dia, uma aluna me perguntou: - Professora, a palavra que eu escrevi está correta? Então, eu olhei a palavra e pensei “não tenho a menor ideia de como fazer para explicar a essa criança que a letra E está escrita da maneira “errada” (E), ou seja, espelhada, ao contrário”. Por um momento fiquei inerte, sem saber como reagir. Só pensava e me questionava como poderia agir naquela situação. A impressão que tive foi de que o medo e o temor diante desta responsabilidade se tornaram em doses muito maiores, talvez por estar no papel da estagiária. Por mais que esse episódio pareça ter uma resposta fácil e que devamos estar com as respostas prontas para essa forma de questionamento, por um determinado instante elas desaparecem, pois não significam uma tomada de decisão. Vigotski, ao se posicionar sobre o papel da escrita no aprendizado da criança na prática escolar, afirma que:

Ensina-se às crianças a desenhar as letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba se obscurecendo a linguagem escrita como tal. (VIGOTSKI, 2008, p. 125).

Nesse sentido, a situação que vivenciei com aquela criança que me pedia ajuda; levou-me a concluir que sabia muito pouco ou quase nada sobre o papel do estagiário frente ao ensino da escrita na escola. No entanto, confesso ter sentido certo “orgulho” por conseguir reagir e pensar que seria muito mais conveniente que, ao invés de corrigir e de pronto mostrar o seu erro, eu poderia questioná-la, numa devolução da pergunta, o

que você acha? Vamos procurar as letras que fazem parte da sua palavra? Pedi para ela que olhasse as letras que estavam expostas na sala e me responder se estava correta a forma como ela havia escrito. Então, ela fez uma análise do que tinha escrito chegando à conclusão de que a palavra estava errada. Quando ela encontrou várias palavras escritas com a letra E, disse a ela para apagar a que estava errada e escrever de forma correta.

Outra situação que me deixou muito incomodada e me instigou a problematizar essa questão, ocorreu quando, em uma das minhas idas à escola para realizar o estágio com a turma do segundo ano do Ensino Fundamental, vivi a seguinte situação: - em uma aula de português a professora me pediu para ajudá-la na correção dos cadernos de caligrafias, e eu não sabia como deveria fazer a “correção”. De que maneira deveria fazer os apontamentos dos erros? Nesse momento, também me senti temerosa, pois não sabia como começar, nem como passar para aluno a correção no momento da entrega do caderno. As dúvidas eram as seguintes: Será que posso marcar tudo destacando os erros? Será que posso simplesmente sentar com o aluno e explicar quais foram os seus erros? Como fazer? De que maneira fazer? Existe a forma correta para fazer? Possenti nos orienta sobre a noção da correção de um texto.

Noção de correção se define, evidentemente, segundo critérios históricos, mas aqui vou fazer de conta que há critérios bastante objetivos para definir essa característica. Direi apenas que entre as finalidades da escola está a de permitir que aluno aprenda a escrever segundo a sua época (uma reforma ortográfica, por exemplo, criará outras exigências, outras normas). (POSSENTI, 2005, p.6).

Momentos como esses experimentados durante a fase da realização do estágio foram importantes para compreensão dos papéis sociais na sala de aula e para aprender mais na condição de professora aprendiz e o que considero como trocas de conhecimentos enriquecedoras.

Oliveira, 2006, refletindo sobre seu estágio diz: *“O modo como às crianças reagem quando as ajudava a escrever as palavras fez com que eu desejasse, além dos assuntos propostos pelo livro de geografia, trabalhar com eles a escrita”*. Aprendi com esse episódio que a melhor maneira de ajudar as crianças com dúvida não era apenas dizer que a sua letra “E” estava escrito ao contrário, mas podia também levá-la a refletir sobre o erro. Oliveira, 2006, do falar sobre as contribuições do período de estágio, ressalta: *“A interação que havia entre nós (eu, alunos e professora da sala) causou mudanças consideráveis nas minhas ideias e concepções acerca do que seria a tarefa de ensinar”*.

Assim como Oliveira (2006) destaca em seu trabalho de conclusão de curso, a interação no espaço escolar durante a realização do estágio vai depender da forma como essa relação “triangular” vier a se desenvolver ao longo do período na escola. Em grande parte a dificuldade do estagiário em elaborar um “plano de ação”, ou uma metodologia para desenvolver qualquer tipo de atividade para trabalhar com os alunos durante a realização de suas interações está no limite da liberdade por parte do professor na maneira como o estagiário poderá atuar em sala de aula, para que essa mudança ocorra é necessária uma cumplicidade por ambas as partes e isso acontece diariamente.

A forma como “decidimos” juntas o tema foi algo que me chamou a atenção, pois mais uma vez indicava uma relação de reciprocidade entre nós duas. Eu não estava ali cumprindo suas ordens, mas estávamos trabalhando de forma conjunta na educação daquelas crianças. (OLIVEIRA, 2006, p. 14).

Podemos observar que a autora conseguiu dar a volta e sair do lugar de não pertencimento e se sentir parte da escola. Alcançar esse grau de reciprocidade por parte dos sujeitos da escola não é algo simples. Nem sempre esse encontro com o outro (professor) se dá de maneira “amigável”. Com isso, se torna difícil conquistar um “lugar” dentro da sala de aula.

Outro ponto que às vezes pode se tornar um embate na rotina do estagiário é o professor que está desmotivado e desacreditado da sua profissão. Pois na primeira oportunidade que ele tiver para tentar desmotivar e frustrar o estagiário, ele poderá tentar fazê-lo.

Outra problemática com a qual convivi com meus colegas de estágio e os ouvia queixarem se durante as conversas com a nossa orientadora é que: quando chegaram à escola o seu papel já estava definido, ou seja, a escola já tinha designada sua função, ficar com o “aluno problema”. Em uma das conversas, uma colega de estágio contou a seguinte situação: *quando cheguei à escola a professora disse: esse é o aluno que você vai acompanhar, ele é o que chamamos de “aluno problema”*. Essa observação feita por essa colega lembra muito a situação que uma pesquisadora viveu em seu trabalho de campo. A autora relata como se deu a sua participação como antropóloga no papel de professora:

A princípio, havia sido aceita nas classes alfabetização (CA) como voluntária e iria trabalhar ajudando na recreação infantil. Já estava tratando de “desenferrujar” minha memória e de convocar todo o elenco de histórias e de brincadeiras infantis que nela estivessem disponíveis, quando uma das professoras entrou de licença e praticamente passei a substituí-la. Isso só foi possível – apesar de eu ainda não saber braile – porque aquela era a única turma em que a maioria das crianças ainda estava sendo preparada para lidar com os regletes e punções¹. Era a turma do Programa Alternativo (PA), como soube mais tarde, formada por crianças que (decidiu-se) eram portadoras de múltiplas deficiências e, portanto, deveriam passar por um processo de aprendizagem mais lento. (EUGÊNIO, 2003, p. 208).

Quando me refiro a essa problemática de chegar à escola já com um “papel” definido, não quero afirmar que o fato de ficar com uma “criança problema” ou “criança difícil”, não traga conhecimento e aprendizado para o estagiário. O que estou procurando demarcar a maneira como muitas escolas enxergam o estagiário. Afinal,

¹ Materiais auxiliares ao aprendizado do braile

quando o estagiário vai para escola é para vivenciar todos os acontecimentos presentes nessa esfera, seja durante as aulas, seja no horário de intervalo ou em uma reunião de professores e pais de alunos.

No sentido de pensar a escola como um espaço de aprendizado e de diferenças sociais, gostaria de destacar a importância da pesquisa das autoras Ezpeleta & Rockwell, que nos traz uma análise da escola primária mexicana para assim, buscar conhecer e traçar um caminho para transformar a sua atual realidade:

Ao observar e interpretar o que acontece em sala de aula, como parte de um processo de apropriação, torna-se significativa a relação entre as crianças. Entre os alunos pelo menos nestas salas de aula, uma organização que não se deve subestimar, ainda mais se suspeitarmos da força de sua estrutura e de seus conteúdos. Em grande parte, é em função da mesma que as crianças se apropriam dos conhecimentos que aparecem na escola. As crianças encaram a convivência dentro da escola com estratégias apropriadas e convertem este espaço num lugar onde a aprendizagem se dá conjuntamente. Entre as crianças, organiza-se boa parte das condições de interpretação do discurso do professor. (EZPELETA & ROCKWELL, 1989, p. 70).

Conforme as autoras destacam, a organização da escola é algo que não devemos subestimar. Na escola contemporânea os desafios e as variantes que estão presentes em todas as esferas geram um desconforto e um impacto muito maior na inserção do estagiário na prática pedagógica. Além disso, os estagiários nesse momento podem se permitir analisar sua compreensão teórica com as diferentes formas de atuação na prática do cotidiano escolar.

Procurro me acercar, portanto, dos autores que tomam para reflexão a instrução escolar no seu cotidiano no processo de construção dinâmica.

2.1.1 A importância do estágio na formação do pedagogo

O livro: “*Pesquisas Urbanas*”, no capítulo “*De como olhar onde não se vê: ser*

antropóloga e ser tia em uma escola especializada para crianças cegas” EUGÊNIO (2003), me ajudou em vários aspectos na realização de meu TCC. Comecei a refletir sobre as dificuldades encontradas pela autora na realização da sua pesquisa antropológica, e me propus, portanto, a recuperar as situações que fizeram parte do meu estágio, de quantas vezes passei por esse momento de olhar onde não se “vê”. Ela relata a sua experiência em uma escola de crianças cegas, sendo uma das poucas pessoas que tinha condições fisiológicas de enxergar, o que em determinado momento lhe ajudava e em outros momentos eram usados pelas professoras “contra” ela mesma:

Embora minha condição de “observadora invisível” tenha se convertido em um recurso no qual nunca deixei de recorrer, é inegável que ressaltava o voyeurismo exacerbado do ofício do antropólogo e, neste sentido, revelava-se incômoda. Poder presenciar situações que, caso me declarasse presente, me seriam vedadas, ou poder registrar os acontecimentos no momento mesmo em que ocorriam sem constranger os pesquisados, anotando em meu caderno de campo com uma das mãos, tendo a outra ocupada, por exemplo, em ajudar uma criança em seus deveres escolares. (EUGÊNIO, 2003, p. 209-210).

A autora destaca que, mesmo tendo vivenciado o papel de “observador invisível”, seu trabalho de antropóloga e pesquisadora era mais intenso, pois participava ativamente até nos momentos de anotações dos dados, pois sempre estava auxiliando os alunos, ou até mesmo quando ficava responsável pela limpeza do ambiente após as refeições ou brincadeiras.

Do mesmo modo, como estagiária iniciante no espaço escolar, conforme destaquei antes, senti muita dificuldade na coleta de dados, pois não tinha traçado uma trajetória de “pesquisa” para saber como atuar. A cada fato novo aos meus olhos, que percebia, tinha vontade de correr para o caderno e anotar, mas em muitos desses momentos não o fiz porque estava auxiliando o aluno ou a professora. Certeau (2000), historiador das práticas culturais, destaca que: “*de esboçar uma teoria das práticas*

cotidianas para extrair de seu ruído as maneiras de fazer”. A partir do que o outro levanta, deparava-me: Como pensar sobre as práticas presentes no cotidiano da escola? Quais olhares valorizar? Quais as informações coletar ao longo deste percurso? As relações presentes na interação sociocultural deste espaço são muitas. Por isso a dificuldade em se delinear uma linha de pesquisa para atuar na escola nessa busca de profundidade para assim conhecer um pouco sobre tantas formas de construção do saber.

Dessa maneira, se constituiu meu papel na escola, entendendo o estágio como uma fase fundamental na nossa formação. Buscar mais aprender com as práticas do outro, fazer parte do espaço em si. Por isso a importância da participação em sala durante a realização do estágio e também, sempre que me foi permitido, fazer as mediações durante as atividades envolvendo os alunos e a professora.

3. Caminho da pesquisa para o TCC

A partir de conceitos teóricos sobre o caminho da pesquisa, optei por seguir uma pesquisa qualitativa na qual busquei analisar através das referências e de um pequeno questionário, as percepções dos estudantes de pedagogia sobre suas trajetórias no estágio obrigatório.

Neste sentido, baseei-me nas minhas próprias experiências vivenciadas durante o meu estágio, para elaborar o TCC e também de fontes não documentais como: questionários aplicados² com os alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp, das turmas que já concluíram o curso em 2013 e os que estarão concluindo no primeiro semestre de 2014. Com esse instrumento procurei refletir sobre as práticas do estágio e como se constituíram a inserção destes professores em processo de formação na escola para realização do estágio.

Gostaria de destacar a dificuldade que tive para encontrar referenciais teóricos que fizessem uma análise crítica do estágio, no sentido de focar os problemas que atrapalham sua realização. Na primeira parte da pesquisa teórica, fiz uma busca e senti essa “escassez” de informações sobre o tema.

Desse modo, as condições e a maneira em que fui tecendo a minha pesquisa, me levaram a recuperar as minhas buscas por uma escola e as experiências vivenciadas durante o estágio. Na parte final do trabalho farei a análise das respostas coletada a pesquisa, para entender como se deram às condições de acesso às escolas pelos meus colegas de formação e quais as percepções que ficaram sobre o estágio obrigatório. A realização do estágio obrigatório me causou muitas inquietações e uma maneira que

² Em anexo consta o roteiro das perguntas do questionário.

havia pensado em trabalhar na pesquisa do meu TCC era realização de entrevistas com meus colegas de turma, porém, com a correria do final de semestre, muitos já estavam ocupados na elaboração final de seus TCC's e com as disciplinas que faltavam para finalizar o semestre. Tudo isso impossibilitou a proposta inicial de trabalho. Então, optei em aplicar o questionário em um grupo de colegas de estudo e assim, buscar nas suas respostas compreender como se deram a suas experiências no estágio obrigatório.

Oliveira (2006), já citada, em seu trabalho de conclusão de curso se refere às angústias e à conquista na construção do conhecimento no espaço escolar que cercam o estagiário em relação ao seu fazer.

“(...) quero dizer que a escola não pode ser concebida como um local rígido onde podemos fazer pesquisa como se correspondesse a um laboratório. Não é algo estático, já controlado e conhecido. A sala de aula é um ambiente dinâmico em constante mudança e construção. Ao chegar à escola me dei conta de que havia em mim muito preconceito e ideias já elaboradas sobre alunos e professores”. (OLIVEIRA, 2006, p. 31).

Nesse sentido, a autora, ao retratar as suas práticas de trabalho no lugar de estagiária a maneira como se empenhou para conquistar o seu “lugar” no estágio, me auxiliou a compreender as práticas do estágio na escola a partir do olhar do outro, nas suas inquietações e dilemas vivenciados durante essa etapa.

Conforme já comentado acima, as autoras Ezpeleta & Rockwell (1989), sociólogas da educação, desenvolveram sua pesquisa sobre a escola primária para tentar definir caminhos e possibilidades de mudanças nas escolas mexicanas a partir de um olhar sobre as práticas escolares. As autoras destacam o papel da etnografia e da teoria na pesquisa educacional para buscarem condições de entendimento para as marcas locais do trabalho educativo:

Sua contribuição ao campo educacional põe em relevo aspectos da “cultura escolar” como a categorização específica que os professores fazem dos

alunos ou que os alunos fazem das diferentes situações escolares. Também foram utilizadas para demonstrar diferenças cognitivas radicais entre alunos provenientes de grupos étnicos e as categorias e expectativas dos professores. (EZPELETA & ROCKWELL, 1989, p. 41).

Tal como as autoras ressaltam a contribuição da etnografia na pesquisa para a análise dos dados, seus estudos me ajudaram na reflexão sobre as práticas que envolvem o outro no cotidiano escolar e assim pensar como, ao me inserir e olhar, conservar a heterogeneidade dos sujeitos dentro desse espaço, o que acaba se tornando um grande desafio para o pesquisador. Elas ainda enfatizam o conceito de vida cotidiana como algo que as auxiliou no entendimento sobre os acontecimentos diários da escola.

Este conceito de vida cotidiana obriga-nos a conservar a heterogeneidade, uma das características mais notáveis de qualquer escola. Existe não apenas uma grande diversidade de âmbitos, de sujeitos, de escolas, mas também coexistem, sobretudo em cada conjunto de atividades, em cada “pequeno mundo”, elementos com sentidos divergentes. (EZPELETA & ROCKWELL, 1989, p. 25).

A partir desses elementos que compõem o espaço escolar, ao me focar no papel do estagiário na escola e sua vivências, busco problematizar a importância dessa etapa na formação do professor.

Discutindo os embates vividos na pesquisa dentro de um instituto de cegos, Eugênio (2003) traz a reflexão sobre seus conflitos vivenciados durante o seu trabalho de campo, pelo tema escolhido e pelas barreiras da sua pouca familiaridade sobre os desafios do objeto de estudo, e como essa vivência lhe proporcionou aprendizado e superação. A autora conta como foi construindo a coleta de dados buscando sempre se colocar no “lugar” do outro, tentando enxergar com o “olhar aonde não se vê”.

Mas não fui somente uma observadora invisível. Fui também uma observadora participante – aliás, mais participante do que poderia desejar, já

que, ao ser colocada no papel de tia, me vi às voltas com dois conflitos: o da responsabilidade de educar e o de ter sido convocada, sem possibilidade de recusa, a encarnar o olhar vigilante que as professoras cegas não podiam exercer sobre seus pequenos alunos. Me “vi”, assim, ocupando um lugar hierarquicamente superior ao daqueles que pretendiam estudar, as crianças, e isto não apenas por ser tia, mas principalmente por enxergar. (EUGÊNIO, 2003, p. 210).

Ao ler esse texto durante a disciplina de estágio obrigatório, com a ajuda da professora e orientadora, pude relacionar as minhas práticas do estágio com as pontuações que a autora faz sobre a sua trajetória como pesquisadora. No caminho da sua pesquisa em uma escola para cegos, além de pesquisadora, ela foi se constituindo se no papel de “tia” e de “professora” num ambiente tão novo e difícil, para ela e ao mesmo tempo, repletos de informações e experimentações. Nesse sentido, levou-me a questionar as minhas práticas na escola no papel estagiária e pude lançar um olhar diferenciado para as minhas angústias que, depois de lida as da autora, pareciam mais tranquilas.

Ainda me detendo sobre as construções do olhar etnográfico para a pesquisa na escola, Lopes (2011) apresenta uma defesa do uso da abordagem etnográfica como recurso para o estagiário. Diz a autora:

Oriundo da antropologia social, o método etnográfico viabiliza a pesquisa qualitativa, de grande relevância quando se trata de compreender a instância escolar, objetivando-se não a simples observação e compilação de dados (LOPES, 2011, p. 161).

Dessa forma, Lopes (2011) procurou incorporar um modo de proceder no campo de estágio. Defende uma postura de inserção do estagiário.

Retomando o estudo de Oliveira (2006), ela aponta para o aspecto da dinâmica que envolve esse cotidiano escolar. E chama atenção para o cuidado em se tomar conclusões apresadas sobre a lógica desse ambiente de práticas educativas.

Como mencionado antes, nesse sentido, a autora me ajudou a entender melhor ao retratar as suas práticas no estágio e a maneira como se empenhou para encontrar seu “lugar” como estagiária; suas inquietações e dilemas relatados em meio à narrativa de sua vivência, me auxiliou na paciência de procurar pelo meu lugar.

Fontana e Guedes-Pinto (2009) destacam o papel dos relatos dos estagiários sobre suas experiências como forma de apropriação dessa fase de aprendizagem sobre a profissão docente.

A produção dos nossos alunos, ao longo de seu estar na escola, a cada ano, tem documentado, com certa regularidade, a passagem gradual da relutância em reconhecer-se como estagiário para o registro dos próprios modos (e riscos) de atuação na escola, passando de um modo de dizer impessoal, calcado na denúncia das insuficiências e falhas do trabalho dos já professores, para o reconhecimento de sua própria presença naquele espaço. (FONTANA E GUEDES-PINTO, 2009, p. 11).

Esses apontamentos dos quais as autoras fazem sobre os momentos de discussão com os alunos durante o período das idas às escolas e também sobre suas anotações no “diário de campo” sinalizando esse percurso de desafios e da conquista por um “lugar” nesse espaço. Pudemos observar que de fato é preciso que essa situação seja revista, repensada. Seguindo essa proposição, alguns professores da universidade tem procurado focar nesse desafio. Vemos que a universidade tem procurado se aproximar da realidade do estágio vivida pelo estudante.

Sobre a construção do TCC, Lavine (1999) nos orienta como elaborar o problema de pesquisa:

Um problema de pesquisa não é, portanto, um problema que se pode “resolver” pela intuição, pela tradição, pelo senso comum ou até pela simples especulação. Um problema de pesquisa supõe que informações suplementares podem ser obtidas a fim de cercá-lo, compreendê-lo, resolvê-lo ou eventualmente contribuir para sua resolução. (LAVINE, 1999, p.88).

Levando em consideração todos esses aspectos que envolvem a fase do estágio obrigatório, essa pesquisa tem em particular a sua problemática voltada para a chegada do estagiário à escola, e sua atuação junto aos sujeitos com quem compartilha esse cotidiano.

4. Percepções sobre o estágio

Como dito anteriormente, para tentar compreender as perspectivas dos estudantes do curso de Pedagogia sobre o estágio obrigatório e como se dá esse momento da chegada à escola, me propus a recuperar minhas experiências buscando problematizá-las e pontuando a importância desta etapa na formação do pedagogo. Fiz uso também de questionários respondidos por colegas de turma.

Esses questionários foram entregues por mim diretamente a cada um. Em geral usei e-mail como acesso. Também entreguei pessoalmente. Como era uma colega de turma, não tive dificuldade quanto à receptividade para participação da pesquisa. Entretanto, conforme mencionado antes, por conta do período em que se encontravam no curso, final de semestre, escrita do TCC, não consegui obter um número grande participantes, sendo um total de sete alunas.

Trago abaixo algumas respostas dos questionários respondidos pelos colegas sobre a chegada à escola e como foram suas “experiências” no estágio:

Bom para a escolha dos locais levei muito em conta a facilidade, inicialmente a facilidade de acesso (perto de casa) depois a facilidade de inserir na escola (uma professora nos apresentou um diretor de escola que se mostrou muito atencioso para conosco, embora o local da escola fosse muito longe de casa, a experiência valeu a pena.)

Para falar das experiências vou dividi-los em 3 partes: 1) Estágio em educação infantil: me inseri em uma pré-escola e depois em uma creche, acredito que foi proveitoso e, observar o comportamento das crianças era algo que me surpreendia e em muitos momentos era impossível não interagir com elas. 2) Estágio no ensino fundamental: em um deles passei pela experiência de trocar de sala toda semana e no outro fiquei em uma mesma sala direto. Acredito que ir trocando de sala, embora tenha feito com eu enxergasse o geral não foi proveitoso no sentido de aprender e observar como a professora realiza e lida com seu trabalho para que eu me apropriasse ou não dessas formas para minha vida profissional. Ficar em uma única sala,

acompanhar a mesma turma durante o semestre é algo que abre um pouquinho os olhos para acompanhar o desenvolvimento em geral. 3) Estágio em gestão: foram bem desproveitosos. Em um deles me especializei em encapar cadernos, no outro tive a oportunidade de ter conversas com o diretor da escola que se mostrou aberto e empolgado a ensinar, porém as conversas naquele período foram proveitosas para que eu realizasse o trabalho final da disciplina, porque refletindo hoje vejo que já quase não me recordo do que se tratavam. (Lúcia³, aluna do curso de Pedagogia).

Percebo nesse primeiro excerto que a estudante teve uma percepção de cada segmento da escola, organizando suas impressões a cada experiência. A estudante também diz reconhecer o que ajudou e o que atrapalhou. Seu posicionamento e crítica parecem aguçadas. Seu tom irônico se destaca, ao mencionar que ficou especialista em encapar caderno.

Seguem outros relatos:

Todas as instituições em que realizei meu estágio obrigatório, foram escolhidas de acordo com a localização, de forma a ser mais fácil pra mim, ou onde aceitavam estagiários, pois em diversos lugares em que fui procurar estágio, a instituição não queria a presença de estagiários, ou já havia estagiários demais e por isso não conseguiam colocar mais. (Ana Julia, aluna do curso de Pedagogia).

Os estágios foram todos muito importantes. No estágio de Ens. Fundamental, fiz no colégio em que trabalhava, a princípio pela facilidade. Descobri que quando fazemos a análise do próprio trabalho, podemos aprender muito mais do que simplesmente observando. Posteriormente, o de Ed. Infantil, fiz observação como foi orientado. Certamente aprendi muito, mas ainda acredito que a análise do próprio trabalho me acrescentou mais. (Gisele, aluna do curso de Pedagogia).

O do estágio para o fundamental e gestão fiz em Valinhos, na escola do F., por sugestão da R. Foi ótimo, eles tinham reuniões aos sábados e professores, funcionários, pais e alunos participaram. Em

³ Os nomes são fictícios

uma que eu fui cada um levou um prato e a mesa ficou linda. Ao lado o F. fez outra mesa de livros, separados por assuntos e fez uma breve apresentação, na qual ele enfatizou a importância da leitura na formação constante do professor.

Nesta mesma escola eu e o F. fizemos um projeto de fotografia e meio ambiente. Como tem uma mata na frente da escola, depois de várias aulas sobre o assunto, tivemos uma visita na mata para fotografar o lixo, lógico e saiu foto de todos os tipos inclusive da turma. No ultimo dia com pipoca e suco, fomos ver com a turma as fotos e cada um podia escolher 2 fotos, que nós imprimimos e mandamos para eles.

No estágio de educação infantil fiz no Augustinho Patáro. A diretora era a Regina, uma pessoa muito gentil e adorou a minha ideia de dar a câmera nas mãos das crianças, tenho fotos muito originais. Depois fiquei na piscina, era cansativo, nós recebíamos 1 turma a cada hora, saía de lá acabada fisicamente, mas realizada, por participar daquela alegria e energia. Uma menina de uns 4 anos ficou na borda esperando que eu pegasse ela e colocasse dentro da água, ela arregalou os olhos e disse: - Olha água se mexe!! Eu não entendi... Ela então disse – A água se mexe toda. Muito tempo depois vendo o meu relato foi que entendi, deveria ser a primeira vez que ela entrava dentro de um lugar com tanta água e coisas como o deslocamento da água, tão natural para mim, para ela era uma novidade. Depois fiz o estágio de educação não formal no Museu de Ciências, participamos das visitas monitoradas das escolas, tivemos uma aula sobre as novas concepções de museus, como no caso de museu de ciência que não tem um acervo para mostrar, mas ideias, que são compartilhadas e colocadas em prática. Os estágios nos dão uma pequena base para nos equilibrarmos nos nossos primeiros passos na nossa profissão. (Maria, estudante do curso de Pedagogia).

Escolhi as instituições para a realização do estágio obrigatório por uma questão de proximidade do meu trabalho / casa e carona, já que fui dispensada algumas manhãs e tardes do trabalho para a realização deste. Foi por uma questão de praticidade e necessidade.

Minhas experiências de estágio foram muito boas já que foi a primeira oportunidade de contato com a escola e a sala de aula. Foi muito proveitoso para mim. (Luiza , aluna do curso de Pedagogia).

As respostas dos colegas de curso sobre suas experiências consideradas mais marcantes ou mais importantes nos mostram que todos consideram essa etapa da sua formação de extrema importância, e que as experiências boas ou ruins trouxeram

aprendizados. Seus dizeres revelam que reconhecem essa etapa da formação como um momento de muito aprendizado

Já as resposta sobre como se deu o acesso à escola, de uma maneira geral podemos observar que as escolhas da escola para realização do estágio obrigatório se deram de maneira muito parecida e se basearam nas seguintes preferências: primeiro próximo ao trabalho ou da casa onde mora, e em segundo a que aceitasse estagiários, ou seja, escolhas por “conveniência”. Esse segundo motivo esbarra no que os autores Silva e Barbosa (2011) chamam de desafios externos ao trabalho de estágio. Entram nessa categoria de desafios “*a resistência de educadores da escola em aceitarem estagiários*”.

Pensando nessa problemática, talvez a Faculdade de Educação pudesse rever essa questão e pensarem uma maneira de maior aproximação com escolas voltada para o estágio, ou talvez até pensar em um sistema de “convênio” com as escolas para mediar à chegada do estagiário. Hoje temos na Faculdade de Educação (FE), o Núcleo de Apoio aos Estagiários (NAE) atuando nessa área de estágio e sua relação com a faculdade de uma maneira mais geral. Essa atuação junto às escolas tem sido feita por alguns professores e orientadores do estágio, mas penso que a coordenação do curso de Pedagogia poderia lançar um olhar mais “cuidadoso” para essa questão.

Para ajudar na reflexão sobre este assunto, seguem abaixo as respostas da pergunta que se refere à disponibilidade/participação da Faculdade de Educação na integração do estagiário junto à escola.

Não. Em um dos estágios de ensino fundamental a professora responsável pela disciplina conseguiu com um colega dela, que era diretor de uma escola, que pudéssemos realizar o estágio na escola dele. Mas a Faculdade de Educação eu não me lembro de ter me ajudado. (Ana Julia, aluna do curso de Pedagogia).

No caso da educação fundamental, a R. me ajudou muito, mas no sentido de termos apoio efetivo da faculdade, não.

Espero que agora com o NAE – Nucleo de Apoio ao Estágio, que está sendo implantado, a política de estágio da Faculdade de Educação, possa ser mais efetiva, e não ações pontuais e fragmentadas como aconteceu na nossa graduação. (Maria, aluna do curso de Pedagogia).

Sim, alguns professores fizeram a mediação ESCOLA X UNIVERSIDADE. Outros casos eu tive que procurar sozinha e ver com amigas professoras, o estágio de ed. Inf., por exemplo. (Janaina, aluna do curso de Pedagogia).

Sim, bastante. Como dito anteriormente, a professora da disciplina na faculdade mais o diretor ex-aluno da mesma, abriram portas e acrescentaram muito para nossa formação. (Mara, aluna do curso de Pedagogia).

No estágio de Gestão, sim. Busquei uma escola que foi recomendada pela F.E. e era próxima. Nos demais estágios busquei na cidade em que moro mesmo. (Gisele, aluna do curso de Pedagogia).

Conforme podemos observar que, ao responderem à pergunta “A Faculdade de Educação da Unicamp lhe ajudou a ter essa integração com o local de estágio?” Ao invés de dizerem que a Faculdade de Educação ajudou nesse processo, responderam que o professor da disciplina de estágio foi quem de fato ajudou a encontrar a escola, ou seja, quem fez o meio campo entre as escolas e os estagiários em grande parte foram os professores.

Por fim, gostaria de expor as respostas referentes às percepções que ficaram sobre a realização do estágio obrigatório por parte dos estudantes.

Os estágios, como disse na questão 2, foram muito importantes para o meu crescimento e melhor entendimento da prática, da realidade da escola. Poder vivenciar a prática com supervisão e com momentos que possibilitem o diálogo com a teoria e com as

experiências dos colegas também é muito importante. Muitas vezes, a única experiência prática com determinada realidade da escola que teremos é o estágio. (Gisele, aluna do curso de Pedagogia).

Pra mim os estágios foram muito interessantes, pois a maioria deles articularam bem com o curso de Pedagogia, assim como me proporcionaram contato com a prática, o que eu não tinha até então. Trouxeram a importância de refletir sobre o que é ser professor, e o que é saber olhar para o aluno e para criança, além é claro, de permitir que adentrássemos no universo do que é a relação educador/educando e a relação destes com o conhecimento.

Contudo, alguns estágios não contribuíram da mesma forma. Houve estágios em que, na minha opinião não articulou com o curso, nem com a minha formação, seja porque o local do estágio não soube receber o estagiário, seja porque o estagiário não soube encontrar um local de estágio que lhe proporcionassem um ambiente de aprendizagem sobre a área na qual estava se realizando o estágio. (Ana Julia, aluna do curso de Pedagogia).

Não abrange tudo de uma sala de aula. Na verdade as vivências precisam ser cotidianas e não 1x por semana durante um semestre. Penso que o estágio obrigatório nos ensina pouco. Aprendi mais no estágio remunerado em que eu estava todos os dias. (Janaina, aluna do curso de Pedagogia).

Em geral acho que os estágios obrigatórios não deram uma base de como ser professora (na verdade nem sei se esse é o real objetivo dele), mas ao tempo que foram bons para sair um pouco da teoria e adentrar dentro de um ambiente desempenhando outro papel que já tinha desempenhado (sempre fui aluna na escola) e com isso permitiu com que ampliasse meu olhar e tive a oportunidade de ver a educação com outros olhos. (Lucia, aluna do curso de Pedagogia).

No caso dos estágios no ensino fundamental e em gestão houve muita troca e acompanhamento, e em educação infantil também. Mas entendo que a escola em que foi feito o estágio e seu diretor fizeram toda diferença, não sei dizer se os demais colegas tiveram a mesma experiência. É enriquecedor, porém não nos prepara muito pra prática de fato, mas um panorama para reflexão. (Mara, aluna do curso de Pedagogia).

Gostei muito dos estágios obrigatórios, pois como disse anteriormente foi uma primeira oportunidade de contato com a escola

e a sala de aula, mas acredito que a Unicamp poderia aproveitar mais o estágio para uma abordagem mais prática já que a prática é escassa nesse curso. Acho que deveria nos preparar mais para situações e práticas efetivas nos estágios e não nos limitando a sermos observadores na realidade escolar como senti na maioria dos estágios que fiz. (Luíza, aluna do curso de Pedagogia).

Necessário, mesmo para quem trabalha na área, as aulas teóricas e as leituras nos preparam o olhar para vermos a escola, como talvez nunca a víssemos se já entrássemos nela como profissionais. O estágio nos dá um lugar privilegiado de espectador, que mesmo fazendo parte da ação ainda mantém a sua atenção voltada para os acontecimentos que iremos narrar, e algumas coisas só vamos ter consciência depois de escrevermos o nosso relato. E mesmo depois de tanto tempo ao lermos o nosso caderno de estágio começamos a fazer novas relações, e descobertas. (Maria, aluna do curso de Pedagogia).

Seus escritos trazem as especificidades que constituem o curso – cada estágio é próprio de um seguimento – e também revelam os traços singulares de cada percurso. Alguns pontuam sua relevância para a construção de olhar privilegiado para a escola. Outros ressaltam que poderia ser uma etapa mais explorada pela faculdade. Seus dizeres trazem um ponto de vista crítico, no sentido de problematizarem sua importância e enumerem aspectos positivos e negativos.

Finalizando, os estágios obrigatórios parecem assumir uma posição destaque no curso. Porém, essa posição pode ser ainda mais trabalhada.

As repostas ao roteiro de perguntas me possibilitaram aprofundar a reflexão sobre a ótica do outro em relação à experiência do estágio. Como Amado (1997) ressalta, os sujeitos que se dispõem a serem entrevistados, ao utilizarem seu tempo para falar, também tinham sua própria intenção de inserirem suas vozes na história. Nesse sentido, creio que os estudantes que optaram por participar da pesquisa queriam de alguma forma, deixar registrados os seus pontos de vista sobre o seu processo formativo profissional vivido no curso de Pedagogia.

5. Retomando o uso do “Diário de Campo” na construção do estágio

Outra questão que gostaria de abordar é sobre o papel importante do “Diário de Campo” na atuação do estagiário, pois é nele que registramos os dados, as impressões, angústias, alegrias e reflexões sobre o que vemos e ouvimos. Amado (1997), ao discutir as contribuições da História Oral, traz a orientação sobre a importância da ética do pesquisador ao descrever um fato, pois tudo o que dissermos sobre o outro trará consequências, sejam elas *positivas ou negativas*. Desse modo, penso que o papel do estagiário em campo deve ser construído em primeiro lugar baseado na ética, seja no momento de se reescrever a fala de uma criança ou a fala do professor. A autora destaca que:

Pessoas, entretanto, não são papéis. Conversar com os vivos implica, por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos (como acontece quando o diálogo é com os mortos), mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais. (AMADO, 1997, p. 146).

Com base nesse ponto apresentado pela autora, gostaria de ressaltar que nosso papel enquanto professores em processo de formação é ter o compromisso e a responsabilidade na coleta das informações que irão compor o “Diário de Campo”, sendo esse o nosso aliado na coleta de dados enquanto estivermos inseridos no espaço escolar.

O estágio nos proporciona o contato com as várias relações presentes nesse ambiente que vai desde a relação do professor x aluno, professores x professores, professores x família. Por isso, na busca para refletir sobre as teias que envolvem essas relações deve estar firmado como princípio a ética na análise das mais variadas realidades e como descrever cada momento vivenciado.

Portelli A. (1996), em seu artigo “Filosofia dos Fatos” relata a história de Frederick Douglass um escravo nascido em Maryland em 1817, e que consegue fugir e se aproxima do movimento contra a escravidão e passa a ser o orador pela sua boa retórica. O autor segue relatando a trajetória de Frederico usando como exemplo para a sua reflexão sobre os caminhos que os historiadores e sociólogos têm seguido nas recuperações das fontes orais na perspectiva da “História Oral”.

Ou seja, o autor nos chama a atenção sobre a maneira de enxergamos as fontes, e nesse sentido trago a discussão para o estagiário e o seu papel como interlocutor no momento de escrever seus relatórios de estágios. Ainda a esse respeito o autor fala que:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (como o caso de Frederick Douglass), quer concorde em responder a uma entrevista, aceita a reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. (PORTELLI, 1996, p. 2).

Como pensar a importância do relato da experiência quando estamos na escola? Como fazer diante da responsabilidade de escrever sobre a fala do outro? Como “inexperiente” no mundo da pesquisa, fui aprendendo com a ajuda do professor e orientador do estágio quais deveriam ser as principais características da escrita do “Diário de Campo” e quais problemas deveria me atentar com mais tenacidade. Portelli ainda segue dizendo que:

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. (PORTELLI, 1996, p. 2).

Detentora de uma base considerada por mim ainda muito rasa de experiência voltada para o trabalho em sala de aula, me vi diante dos grandes desafios de atuar

dentro daquele espaço repletos de histórias, vivências, ensinamentos e aprendizado, enfim o mundo da “sala de aula”. Não posso negar que, ao mesmo tempo em que é empolgante, também é inquietante. Confesso que em alguns momentos que estava na sala de aula durante as idas obrigatórias na escola, ficava feliz quando a professora da turma que eu acompanhei durante todo o ano letivo na escola municipal de Valinhos me direcionava na maneira de agir em sala. Um exemplo, era quando ela me designava para ser a sua “ajudante” (uso esse termo ajudante porque cada dia um aluno era o “ajudante” do dia). Ela dizia: - Hoje você pode corrigir os cadernos de caligrafia! Ou então quando ela chegava e colocava as cartolinas e seus moldes em cima da minha carteira que ficava do lado da sua mesa e me pedia para recortar desenhos, carimbar os cadernos e passar as tarefas ou deveres para serem feitos pelos alunos em suas casas.

Talvez por essa falta de experiência no espaço escolar é que as inseguranças eram perenes no momento em que eu deveria me posicionar diante da turma. Em muitos retornos a casa eu me angustiava e pensava: “Por que simplesmente não consigo?” Por outro lado, percebia uma determinação maior por parte de colegas que realizaram o estágio obrigatório na mesma escola que eu. E imaginava que era porque elas já trabalhavam em escolas como estagiárias.

“No primeiro dia de estágio eu me senti desesperada, nervosa, angustiada e invasora do espaço do outro (professor), não consegui sequer sair da cadeira que a professora havia colocado ao lado da sua mesa”. (Diário de Campo, 2011).

Lembro-me desse dia, foi a primeira fase do estágio, a primeira ida à escola! Nossa! Quantos temores; pensei até que não conseguiria, mas os dias foram passando, e já não havia mais tanto estranhamentos, quando chegava à sala de aula já era chamada pelos alunos de Prô, e isso de certa maneira me fazia sentir parte daquele espaço.

Guedes-Pinto (2010) fala em seu artigo das angústias do primeiro dia de aula do ano letivo “*expectativas, receios, medos e ansiedades povoam a atmosfera e o espaço da escola. Recuo e desejos pelo novo à espera de um começo...*”. Ao problematizar as angústias e temores diante da turma no primeiro dia de aula, a autora me possibilita a refletir sobre o constante cuidado e preocupação que o professor deve ter diante da responsabilidade de “ensinar” e muito mais que isso é ter o respeito com a sua turma no cotidiano escolar.

Portanto, ensinar envolve muita responsabilidade com o outro e talvez por essa razão me cobrasse tanto durante o estágio obrigatório. O grande aprendizado que fui adquirindo ao longo da minha atuação como estagiária, está relacionada às mudanças que ocorrem no meu modo de enxergar esse momento. Aprendi a olhar de outra maneira para a escola, pois quando cheguei havia em mim um misto de sentimentos e talvez, eu diria até mesmo muito “preconceito” por não conhecer o outro lado desse cotidiano que envolve a escola e suas práticas. Passei a ter o estágio como uma parte que vem para somar na nossa formação. Embora, ainda ache que o tempo estimado e o lugar que as disciplinas de estágios ocupam na grade curricular do curso de Pedagogia deveriam ser revistas.

6. Considerações Finais

Neste trabalho de Conclusão de Curso procurei compilar as percepções de um grupo de estudantes de Pedagogia que estava ao final do processo de sua formação profissional.

Utilizando-me do recurso de um pequeno roteiro de perguntas (questionários), busquei me aproximar de seus dizeres por escrito a respeito de como chegaram à escola em que estagiaram e que impressões tiveram de seu estágio obrigatório.

Suas respostas apresentam, em geral, um reconhecimento da importância dessa etapa na formação. O modo como cada um encontrou a escola para estagiar tem muita relação com o aspecto da melhor conveniência na forma de fazer as escolhas. Não foi percebido um projeto institucional para esse momento da formação.

Outro recurso, realizado por mim para problematizar a questão do estágio obrigatório no curso, se voltou à retomada de meu próprio percurso como estudante nos estágios que tive que realizar. Recuperei vários registros de meu diário de campo para que pudesse apresentar algumas reflexões sobre os aprendizados proporcionados pela experiência.

Creio que este TCC mostra um pouco a face do estágio obrigatório como momento de muito aprendizado que ainda recebe muitas críticas. Mas ainda há muito que se explorar nesse campo rico como do estágio obrigatório.

7. Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral. São Paulo, SP Projeto História. Revista do programa de estudos pós-graduados de história. E-issn 2176-2767; issn 0102-4442, vol. 15, 1997, 145 p. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11225/8232> >Acesso em: 20 abr 2014

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Editor vozes, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Campinas: Papirus, 2008

EUGÊNIO, Fernanda. **De como olhar onde não se vê – ser antropóloga e ser tia em uma escola especializada para crianças cegas.** Em: VELHO, G. e KUSCHNIR, K (orgs) Pesquisas urbanas – desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Autores Associados, 1989.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** Ivani Catarina Arantes Fazenda...[et. Al.]; Stela C. Bertholo Piconez (coord.) 2ª edição – Campinas, SP: Papirus, 1994. – (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico).

FONTANA, Roseli A. C. e GUEDES-PINTO, Ana L. Trabalho Escolar e Produção do Conhecimento. **Desatando os nós da formação docente.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'água. 1997.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. O planejamento e a organização das práticas pedagógicas no cotidiano do ensino fundamental. In BOSCO, Zelma (org) **Ensaio: perspectivas e pressupostos para uma discussão curricular na Rede Municipal de Campinas**. Campinas, SP: Prefeitura Municipal de Campinas, 2010.

LOPES, Maria Ângela Paulinot. **Estágio supervisionado – diálogos possíveis entre a instância formadora e a escola**. In Gonçalves Adair V. Pinheiro, Alexandre S. e Ferro, Maria Eduarda. Estágios Supervisionados e Políticas Educativas – diálogos interdisciplinares. Doutorados, MS: Editora Vems, 2011.

MORENO, Eliana Rodriguez. **Desafios da docência em cursos de Pedagogia à distância**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Unicamp. Campinas, SP, 2010.

OLIVEIRA, Rachel M. Coelho. **A relação de reciprocidade entre a estagiária e os sujeitos na escola: um processo de construção de conhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação, Unicamp. Campinas, SP, 2006.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: Narração, Interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Rio de Janeiro, RJ: Fundamentos, 1996. 1 p. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf
>Acesso em: 20 abr 2014.

ROCHA, Denise Cristina Santos, **Articulação entre teoria e prática no curso de Pedagogia: relações entre a formação acadêmica e o cotidiano escolar de uma professora de Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação, Unicamp. Campinas, SP, 2010.

SILVA, Wagner Rodrigues e Barbosa, Selma, **Desafios do estágio supervisionado numa licenciatura dupla, flogrando demandas e conceitos**. In Gonçalves e Ferro 2011

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Anexo I

Roteiro de perguntas para os estudantes:

- 1) Por que você escolheu fazer o curso de Pedagogia?
- 2) O que levou você a escolher determinada instituição escolar para realização do estágio obrigatório? Como foram suas experiências em cada fase dos estágios?
- 3) A Faculdade de Educação da Unicamp lhe ajudou a ter essa integração com o local de estágio?
- 4) Quais foram suas percepções sobre o estágio obrigatório no curso de Pedagogia?